

## PERFORMATIVIDADES MONODISSIDENTES: COMO SER PANSEXUAL EM UM MUNDO HETEROSSEXUAL?

Tainá Sousa da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo tece reflexões a respeito das formas como as sexualidades monodissidentes, sobretudo a pansexualidade, vem sendo experienciada, definida e interpretada. Para tal, construí um panorama sócio histórico acerca das sexualidades não monossexuais, para analisar a performatividade de monossexuais e mono dissidentes me embasei nas teorias e conceitos de autoras como Judith Butler, Gloria Anzaldúa, Erving Goffman, Gayatri Spivak e Carla Akotirene com objetivo de discutir os processos que levaram a estigmatização, subalternização. Diante da escassez de pesquisas e publicações teóricas sobre a pansexualidade, este texto é também um manifesto que evoca a pensarmos sobre as construções sociais de verdades e mitos sobre as práticas afetivas e sexuais não hegemônicas.

**Palavras-chave:** sexualidades; pansexualidade; monodissidência; estigmatização; subalternidade; performatividade.

### Introdução

Este trabalho tem como objetivo principal investigar como o tema da pansexualidade é abordado e socializado, sobretudo no ambiente virtual, busco compreender e problematizar os processos de identificação e performatividade de pessoas pansexuais, e como a sociedade (tanto LGBTQ+ quanto heterossexual) os percebem e interpretam. Desenvolvo análises e reflexões acerca do tema e suas ramificações; teço um panorama sócio histórico sobre as práticas de sociabilidade das sexualidades monodissidentes; averiguando as performatividades comuns entre pessoas que vivem sexualidades monodissidentes; busco distinguir as definições de pansexualidade e bissexualidade; reflito sobre a opinião e o tratamento das comunidades LGBTQ+ para com as pessoas monodissidentes e comparo com as opiniões e tratamentos que as pessoas heterossexuais têm; a fim de apurar, problematizar e desmistificar mitos e pré-conceitos construídos sobre a pansexualidade, a exemplo, o recorrente equívoco

---

<sup>1</sup> Bacharela Interdisciplinar em Humanidades (UFBA). Graduanda em Produção em Comunicação e Cultura pela FACOM/UFBA. Aluna especial do Programa Pós-Cultura (UFBA). tainasousabi@gmail.com





Deste modo, uma dada característica pode ser um estigma, especialmente quando há uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real (Goffman, 2004)

A colonização que as Américas foram submetidas trouxe junto com o imperialismo extrativista, moralista e etnocida a instituição e imposição da culpa, do medo e do pecado cristão sobre os corpos e práticas locais, estigmatizando, marginalizando e criminalizando as performatividades autóctones. O conceito de estigmatização desenvolvido por Goffman (2004), nos ajuda a entender e explicar o processo que levou o colonizador europeu heterossexista a se estabelecer como o padrão ideal e correto a ser seguido, e impor que a diversidade cultural (atos, hábitos, rituais e costumes) das populações originárias era errada e inferior. A colonização sentenciou aos donos da terra (Américas) aos estigmas de: estranho, exótico, primitivo, errado, inferior, pecaminoso, selvagem, pervertidos, alheio (...), os fizeram crer que negar suas origens e culturas era o certo a se fazer, pois suas crenças foram deslegitimadas, demonizadas e criminalizadas. Só era válida a performance heterossexual do branco europeu.

### **Monossexismo compulsório**

A heterossexualidade compulsória é uma regra social colonial que estabelece que a priori, todo mundo é heterossexual, e devemos seguir com a heteronormatividade (mesmo quem não é heterossexual). Da mesma linha ideológica vem o monossexismo, padrão que estabelece que só devemos nos relacionar com pessoas de apenas um gênero, necessariamente, esses padrões criaram uma exclusão social (e teórica) que marginaliza e adocece uma parcela enorme da população que não se enquadra nessas regras limitantes.

O processo de identificação sexual é mais subjetivo, confuso e difícil para as pessoas LGBTQ+. Em geral, quando começamos a nos experimentar e se relacionar com pessoas do mesmo gênero a sociedade rotula logo como homossexual, necessariamente, pois define, que todas as pessoas que se relacionam sexualmente e/ou amorosamente com pessoas do mesmo gênero é homossexual. Dessa forma, existe um padrão social que estabelece um monossexismo compulsório, ou seja, ou a pessoa é heterossexual ou é homossexual.

[...]as práticas bissexuais não eram consideradas como uma sexualidade em si, mas entendidas como um estágio do desenvolvimento, uma pré-sexualidade e classificadas nos termos da heterossexualidade e da homossexualidade (CALLIS, 2009, apud, JAEGER, et al., 2019, p. 4)

A quantidade de pessoas que sentem atração por mais de um gênero é muito grande, tão grande quanto o pré-conceito atribuído a este ato. O padrão monossexista deslegitima as sexualidades não monossexistas, e as colocam no lugar de dúvida,   
! ! ! ! ! ! ! ! ! uízos de valor discriminatórios.

Reiterando o conceito de interseccionalidade por Akotirene (2019), para frisar que as mulheres negras sofrem ainda mais que homens e mulheres brancas pansexuais.   
!!! ! ! ! ! ! e cisheteropatriarcado, e as articulações decorrentes daí, que imbricadas repetidas vezes colocam as mulheres   
! ! ! ! ! ! ! ! B ! !

pansexuais são consideradas promíscuas, mas as mulheres negras pansexuais, são duas vezes mais sexualizadas e estigmatizadas, sofrendo mais opressão e assédio que as mulheres brancas pansexuais. É importante refletir sobre o peso dessas opressões quando associadas, por exemplo, uma mulher, negra, transexual, pansexual com baixa escolaridade e em condição de vulnerabilidade financeira irá sofrer ainda mais com o sistema cisheteropatriarcado racista e capitalista. É preciso colocar as lentes da sensibilidade interseccional e olhar para o mundo para perceber e tentar evitar reprodução de opressões.

Pensar sobre a invisibilidade das sexualidades não monossexuais dentro dos movimentos LGBTQ+, é mais uma vez, pensar sobre o monossexismo compulsório. A exclusão de pessoas bissexuais e pansexuais acontece no mundo heterossexual e no mundo homossexual também, de maneiras diferentes, mas com pré-conceitos e discriminação semelhantes, o movimento de lésbicas e gays, de uma forma geral tratam as pessoas com sexualidades monodissidentes como promíscuas, menos confiáveis, não monogâmicas (necessariamente), transmissoras de ITS, pérfidas, ou seja, pregam que existe uma performatividade padrão, onde todas as pessoas pansexuais reproduzem os mesmos atos, acabam seguindo a mesma reprodução pré-conceituosa que as pessoas heterossexuais.

### **Considerações Finais**

Em virtude do que foi mencionado, estudar, compreender e perpetuar ensinamentos que vão de encontro com os padrões de performatividade hegemônicos e coloniais, com o fim de proporcionar uma vida menos tóxica e engessada, é o objetivo deste artigo. Por isso, é preciso pautar a contra-colonização (BISPO, 2015) dentro dos estudos sobre sexualidades, assim como afirma Nêgo Bispo em seu livro, nossos hábitos e padrões ainda são fortemente influenciados pelo colonizador europeu, ele traz a ideia da valorização das práticas orgânicas como estratégia para sair da colonização dos sabores e fazeres. A pansexualidade é uma prática orgânica contra-colonizadora, se relacionar com pessoas independente do seu gênero é revolucionário, é uma quebra no padrão cisheteropatriarcal colonial racista (AKOTIRENE, 2019) que segrega o mundo a partir dos binarismo de gênero.

Boaventura de Sousa Santos (2010) nos ajuda a pensar na direção de descolonizar o pensamento e o conhecimento, para que possamos nos desvencilhar dos padrões que não são nossos, buscar a valorização e legitimação das nossas culturas e epistemologias, quebrado o mercantilismo e concepções da direita neoliberal conservadora que estabeleceu quais formatos de relacionamentos são legítimos. E como traz Bauman em a Modernidade Líquida, as relações estão cada vez mais fluidas, cobrar que 7 bilhões de pessoas tenham a mesma performance sexual é não aceitar a mudança pela qual as sociedades vêm passando ao longo da história.

Enfim, acredito que o monossexismo é um padrão excludente e colonial, que de maneira estratégica e perversa espolia de espaço poder, representatividade e acolhimento pessoas monodissidentes. A pansexualidade é um termo guarda-chuva que acolhe sem impor limites, pregando o respeito aos desejos e atos humanos e naturalizando diferentes formatos de relação, É importante se apropriar de suas identidades, valorizando e quebrando tabus e pré-conceitos conservadores que nos

silencia e adoce em nome de um (c)istema que não foi feito por/prá nós. Esta pesquisa está em andamento, desejo fazer uma etnografia no ambiente virtual sobre a pansexualidade, buscando entender como se dão os processos de identificação e performatividade de pessoas pansexuais, com observações qualitativas e quantitativas.

### **Referências Bibliográficas**

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade.**

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida.**

BAPTISTA, Livia Márcia Tiba Rádis. **(De)Colonialidade da linguagem, lócus enunciativo e constituição identitária em Gloria Anzaldúa: uma “new mestiza”.**

BATISTA, Carla. **O que é Interseccionalidade**

Butler, Judith. . **Atos Performativos e constituição de gênero.**

CEREZER, Osvaldo Mariotto; FANAIA, João Edson de Arruda; RIBEIRO, Renilson Rosa al. **Escrita da História.**

COLLING, Leandro. **Dissidências sexuais e de gênero.**

FERNANDES, Estevão Rafael. **Decolonizando sexualidades: Enquadramentos coloniais e homossexualidade indígena no Brasil e nos Estados Unidos.**

FOUCAULT, Michel. . **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões.**

FREITAS, Letícia Souza de. **Minorias sexuais e de gênero, o estigma social e a sociedade de risco.**

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.**

JAEGER, M.B.; LONGUINI, G.D.N.; OLIVEIRA, J.M.C; Toneli, M.J.F. **Bissexualidade, bifobia e monossexismo.**

LIMA, Paulo. **Serguei está na moda.**

MEDEIROS, Raphael Carlos Cesar. **A RESSIGNIFICAÇÃO DO DISCURSO PANSEXUAL: O JOGO DO TAMBÉM**

OLIVEIRA, Jéssica Cristina Alvaro. **Resenha. AKOTIRENE. Carla. Interseccionalidade.**

PRECIADO, Beatriz. Manifesto Contrassexual. Políticas subversivas de identidade sexual.

RIBEIRO, Djamila. O que é **lugar de fala**?

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos: modos e significações.** Brasília.

SIQUEIRA, Monalisa Dias de; KLIDZIO, Danieli. **BISSEXUALIDADE E PANSEXUALIDADE: IDENTIDADES MONODISSIDENTES NO CONTEXTO INTERIORANO DO RIO GRANDE DO SUL;**

SPIVAK, Gayatri Chakravony, **Pode o subalterno falar?**

Wittig, Monique. **O Pensamento Hetero.**